



**FACULDADE DA REGIÃO SISALEIRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

LAÍS DA SILVA MARTINS

**OS IMPACTOS DA ANEMIA FALCIFORME EM ADOLESCENTES:
UM OLHAR DA ENFERMAGEM**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2023**

LAÍS DA SILVA MARTINS

**OS IMPACTOS DA ANEMIA FALCIFORME EM ADOLESCENTES:
UM OLHAR DA ENFERMAGEM**

Artigo científico submetido como Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Bacharelado em Enfermagem pela Faculdade da Região Sisaleira – FARESI.

Orientador: Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira Rodrigues

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2023**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/001222

M366 Martins, Laís da Silva
Os impactos da anemia falciforme em adolescentes:
um olhar da enfermagem /Laís da Silva Martins. – Conceição
do Coité: FARESI,2023.
23f.il..

Orientador: Prof. Ilke Itamar Oliveira Rodrigues.
Artigo científico (bacharel) em Enfermagem. – Faculdade
da Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2023.

1 Enfermagem. 2 Enfermeiro. 3. Adolescente. 4. Anemia
Falciforme. I. Faculdade da Região Sisaleira – FARESI. II
Rodrigues, Ilke Itamar Oliveira. III. Título.

CDD: 616.152

LAÍS DA SILVA MARTINS

**OS IMPACTOS DA ANEMIA FALCIFORME EM ADOLESCENTES:
UM OLHAR DA ENFERMAGEM**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 14 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Ilke Itamar Oliveira Rodrigues / ilke.rodrigues@faresi.edu.br

Gessica Sodré Sampaio trindade / gessicasampaio@hotmail.com

Walleria Carolline Silva Oliveira Matias / Walleria.matias@faresi.edu.br

Rafael Reis Bacelar Antón / rafael.anton@faresi.edu.br



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordena o de TCC – FARESI

Concei o do Coité – BA
2023

OS IMPACTOS DA ANEMIA FALCIFORME EM ADOLESCENTES: UM OLHAR DA ENFERMAGEM

Laís da Silva Martins¹
Ilke Itamar Oliveira Rodrigues²

RESUMO

A Doença Falciforme engloba um grupo de anemias hemolíticas hereditárias que têm em comum a presença de hemoglobina S dentro da hemácia e representa a enfermidade hereditária mais prevalente no mundo. A anemia falciforme é a forma mais grave da doença e as consequências mais comuns são infecções e a Síndrome Torácica Aguda (STA), que compõem o quadro das causas de hospitalização e morbimortalidade pela doença. O presente trabalho se justifica pela experiência familiar com a doença falciforme e suas limitações funcionais e pela fundamental importância de estudos acerca da temática para fazê-la conhecida pela população. A pesquisa é bibliográfica de caráter descritivo, qualitativa e exploratória, e tem o objetivo de identificar os impactos da anemia falciforme no cotidiano do adolescente, descrevendo os cuidados e orientações de enfermagem relacionados à doença. O acolhimento do adolescente e sua família é fundamental para o avanço do tratamento, uma vez que abre portas que o estigma social da doença fechou, possibilitando a aproximação do profissional e estabelecendo confiança entre ambas as partes. Então, é responsabilidade do enfermeiro orientar sobre a disposição de conforto e cuidados domiciliares que reforcem a qualidade de vida e bem estar dos adolescentes e familiares.

Palavras Chave: Adolescente. Anemia Falciforme. Enfermeiro.

ABSTRACT

Sickle cell disease encompasses a group of hereditary hemolytic anemias that have in common the presence of hemoglobin S within the red blood cell and represents the most prevalent hereditary disease in the world. Sickle cell anemia is the most serious form of the disease and the most common consequences are infections and Acute Chest Syndrome (ACS), which make up the causes of hospitalization and morbidity and mortality due to the disease. The present work is justified by the family experience with sickle cell disease and its functional limitations and by the fundamental importance of studies on the subject to make it known to the population. The research is bibliographical, descriptive, qualitative and exploratory, and aims to identify the impacts of sickle cell anemia on adolescents' daily lives, describing nursing care and guidelines related to the disease. Welcoming adolescents and their families is essential for the advancement of treatment, as it opens doors that the social stigma of the disease has closed, enabling professionals to approach each other and establishing trust between both parties. Therefore, it is the nurse's responsibility to provide guidance on providing comfort and home care that reinforces the quality of life and well-being of adolescents and their families.

Keywords: Adolescent. Sickle Cell Anemia. Nurse.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem. E-mail: lais.silva@faresi.edu.br

² Orientador. Docente do curso de Enfermagem. E-mail: ilke.rodrigues@faresi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, grandes progressos foram realizados no conhecimento e nos estudos relacionados à Anemia Falciforme (AF). O termo da doença engloba um grupo de anemias hemolíticas hereditárias que têm em comum a presença de hemoglobina S dentro da hemácia e representa a enfermidade hereditária mais prevalente no mundo (Machado *et al.*, 2018).

Segundo dados fornecidos pelo Ministério da Saúde (MS), em 2018, o gene pode ser identificado em frequências de 2% a 6% nas regiões do país. Essa porcentagem aumenta para 10% quando relacionada a população afrodescendente brasileira, com tendência a atingir parcela cada vez mais significativa da população, devido ao alto grau de miscigenação presente no país. No Nordeste do Brasil, a prevalência do gene é de 3%, chegando a 5,5% no estado da Bahia. A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2018), estima que, anualmente, nasçam no Brasil perto de 2.500 crianças com doença falciforme, das quais, cerca de 1.900 têm anemia falciforme.

Para Silva *et al.* (2020), as várias formas de apresentação clínica dos pacientes portadores de anemia falciforme podem apresentar formas leves, quase assintomáticas, as formas incapacitantes ou com alta taxa de mortalidade. A anemia genética foi descrita, inicialmente em 1910, sendo atribuída como responsável pela alteração estrutural da hemoglobina, fazendo com que essa passasse de seu formato de disco bicôncavo para o formato de uma foice. Por apresentar grande importância clínica, hematológica, bioquímica, genética, antropológica e epidemiológica, devido à sua morbidade e alto índice de mortalidade, tem sido atribuída como uma questão de saúde pública.

De acordo com Machado *et al.* (2018), essa enfermidade é originada por uma mutação no cromossomo 11, que resulta na substituição de um ácido glutâmico pela valina na posição 6 da extremidade N-terminal na cadeia β da globina, dando origem à hemoglobina S. As manifestações clínicas da anemia falciforme, na maioria dos casos, iniciam na primeira infância com expressivo impacto nutricional e psicossocial.

Os padrões de crescimento e desenvolvimento apresentam diferenças, sobretudo em adolescentes portadores dessa patologia, apresentando menores pesos. Essas diferenças têm sido associadas ao maior gasto energético total, ao

menor nível de hemoglobina circulante e à maior frequência de hospitalizações dos pacientes com AF (Jesus *et al.*, 2018).

Braga (2020), esclarecem que a alteração fisiopatológica do eritrócito gera a sua destruição precoce e a obstrução do fluxo sanguíneo nos capilares, gerando por sua vez graves manifestações clínicas como a vaso-oclusão, necrose da medula óssea, síndrome torácica aguda, problemas esplênicos e hemólise.

É de grande valor ressaltar que a enfermagem, no cuidado direto às pessoas com doença falciforme, tem como meta o alívio da dor, com base em uma avaliação integral. Isto implica que o enfermeiro conheça a fisiologia da dor, visando à implementação de práticas educativas junto a essas pessoas, identificando e prevenindo crises álgicas para reduzir complicações, bem como incentivando ações de autocuidado.

O presente trabalho se justifica pela experiência familiar com a doença falciforme e suas limitações funcionais, pela fundamental importância de estudos acerca da temática para fazê-la conhecida pela população e subsidiar acadêmicos e profissionais enfermeiros, já que os números de casos têm aumentado consideravelmente, bem como pela necessidade de uma assistência de enfermagem adequada às demandas exigidas, uma vez que a enfermagem tem papel relevante frente a pessoa com patologia falciforme. Desse modo, após reflexão sobre a realidade encontrada, surgiu o interesse de abordar o tema.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, identificar os impactos da anemia falciforme no cotidiano do adolescente e descrever os cuidados e orientações de enfermagem relacionados à doença. Simultaneamente, pretende-se com os objetivos específicos, compreender e apresentar a anemia falciforme e suas consequências; conhecer as dificuldades e desafios enfrentados pelo adolescente portador de anemia falciforme; descrever os cuidados da enfermagem frente à anemia falciforme em adolescentes.

2 METODOLOGIA

Pensando na relevância do tema, este estudo traz como metodologia a revisão bibliográfica de caráter descritivo, com abordagem qualitativa e exploratória, realizada por meio de livros, revistas, artigos e demais conteúdos que possam enriquecer esta pesquisa.

Para Costa, (2018), uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo visa classificar, explicar e interpretar fatos que ocorrem, e a exploratória procura delimitar o tema estudado, assim como aprofundar nas informações do assunto em questão. A pesquisa qualitativa por sua vez, trabalha com a realidade que não pode ser quantificada, diferente da quantitativa, ela observa um fenômeno, compreende e explica.

Utilizou-se como bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), bem como periódicos de revistas de saúde online. As palavras-chave foram: adolescência; anemia falciforme; diagnóstico e tratamento; doença falciforme e cuidados de enfermagem. Os critérios de inclusão foram baseados em artigos publicados na íntegra, temática abordada e assuntos relevantes para a pesquisa, tal como, publicações entre 2018 – 2023, excluindo artigos que fujam do tema ou com data de publicação anterior ao ano citado.

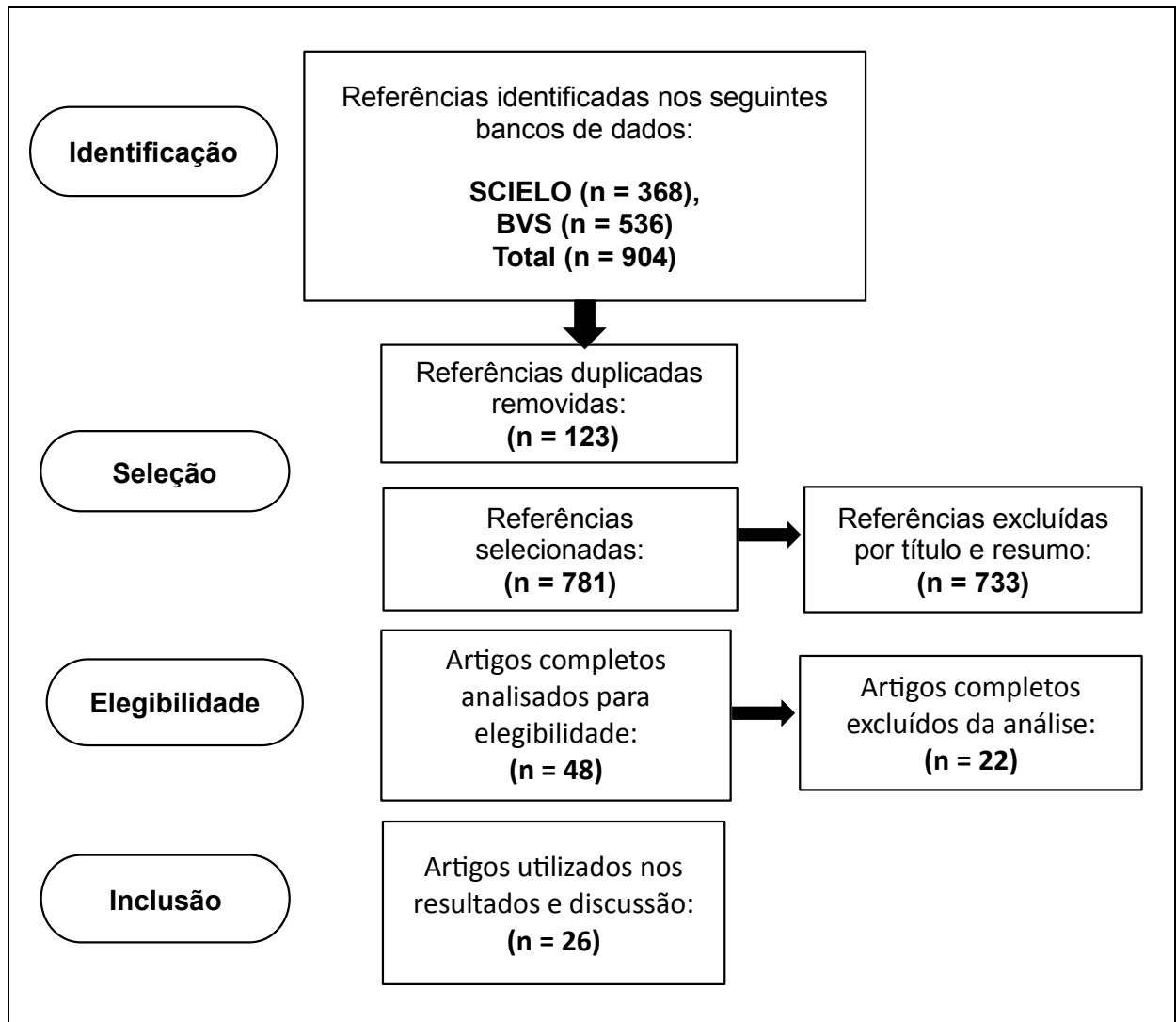
Neste tópico será abordado com mais profundidade acerca da doença falciforme, para isso, os subtópicos mostram como ela se apresenta em conceito e fisiopatologia, bem como seus sinais e sintomas que conduzem a um diagnóstico e os exames necessários para fechá-lo, além do tratamento necessário de acordo com a particularidade de cada indivíduo. Cada subtópico trazem informações relevantes e seguras, embasadas em autores fidedignos que abordam a DF e a anemia falciforme, como a família e o paciente lidam com os agravos e a importância do enfermeiro frente a esse diagnóstico.

Para que essas informações enriquecesse o presente trabalho foi, necessário uma busca por materiais na íntegra com o tema proposto, para isso, foram estabelecidos critérios de busca e inclusão que será apresentado a seguir, no fluxograma de seleção dos artigos, com números de materiais encontrados e o total utilizado na pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das pesquisas nas bases de dados descritas, foi possível obter os seguintes resultados aos quais serão explorados nas seções a seguir:

Figura 1: Fluxograma de seleção dos artigos para Revisão Bibliográfica, mediante o modelo de Cochrane e *Collaboration*.



3.1 DOENÇA FALCIFORME: CONCEITO, FISIOPATOLOGIA, INCIDÊNCIA, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

A doença falciforme (DF), é um acometimento genético que reduz a expectativa de vida do indivíduo e afeta principalmente a população negra, essas características possuem respectivamente ligação com o país residente e parcelas sociais de maior vulnerabilidade. Essa enfermidade acontece devido a uma mutação genética, de herança recessiva na formação da hemoglobina. Quando há alteração da hemoglobina A para a hemoglobina S (HbS) em homozigose (HbSS), é que existe a anemia falciforme, porém a mutação faz parte um determinado grupo de doença falciforme (Brasil, 2020).

A hemoglobina do portador da DF assume um aspecto muito peculiar, apresenta-se em forma de foice, isso acontece porque há uma diminuição ou até

mesmo ausência da tensão de oxigênio no sangue desencadeando alterações nos glóbulos vermelhos que leva a essa forma celular. As manifestações podem ocorrer no primeiro ano de vida, favorecendo o diagnóstico precoce e tratamento, porém ainda poderão se revelar ao longo do desenvolvimento infantil e da adolescência, sendo esse período o de maior desafio para as famílias em decorrência das mudanças físicas e psicológicas da fase (Tesser *et al.*, 2019).

A DF é caracterizada como uma das doenças hematológicas de maior prevalência no mundo, Marques *et al.* (2019) enfatiza que no Brasil é a mais frequente do seu tipo, e afeta entre 0,1 e 0,3% dos afrodescendentes, estimando o nascimento de 3.000 crianças com DF por ano. Por outro lado, Machado *et al.* (2021) fornece dados acerca das estimativas no território baiano, onde aponta que dentre os casos no Brasil o recôncavo baiano é o local de maior número de casos, com taxas de 1:314 nascidos vivos.

O Brasil confere uma distribuição muito variada da doença. Estima-se que, atualmente, há entre 60 mil e 100 mil pacientes com doença falciforme no país. A distribuição no Brasil é bastante heterogênea, sendo a Bahia, o Distrito Federal e o Piauí as unidades federadas de maior incidência (Brasil, 2022, p. 53).

Dessa forma, há uma urgência de políticas públicas e ações de promoção e reabilitação para os indivíduos e suas famílias, oferecendo atendimento de qualidade e conforto, uma vez que por ser hereditária e de origem autossômica não há medidas de prevenção efetivas.

As manifestações da doença são diversas e a dor é uma delas, evoluindo para dor crônica com frequência em seus eventos e intensidade aumentada. De acordo com Machado *et al.* (2021), as dores podem ser do tipo neuropática e nociceptivas, a primeira sendo por disfunções no sistema somato sensorial, ou consequente de uma sensibilização central e a segunda devido à isquemia local, e após a crise, são remissíveis, e cada uma possui tratamentos separados de acordo com suas particularidades.

O diagnóstico da DF acontece ainda cedo, na triagem neonatal, nos primeiros meses de vida através do Teste do Pezinho (TP) realizado nas Unidades de Saúde da Família (USF), espalhadas por todo território nacional. Quando esse rastreamento não é realizado precocemente, o diagnóstico se torna tardio e os efeitos da doença podem ser mais dolorosos e dispendiosos, além da dificuldade no tratamento quando iniciado

tardamente. As formas de descoberta da DF não se limitam apenas ao TP, mas pode ser feito pelo método de eletroforese da hemoglobina, no exame de sangue (Oliveira, *et al.*, 2021).

No momento, o tratamento para a DF com maior eficácia tem sido a terapia modificadora com hidroxiureia, porque ela aumenta a produção de hemoglobina-fetal (HbF) e reduz os níveis de HbS, com isso, também reduz a falcização das hemácias e a vaso-oclusão. O tratamento tem como finalidade melhorar a perfusão nos tecidos, controlar dor e preveni-la, além de diminuir as complicações decorrentes da anemia, crise vaso-oclusiva e possíveis infecções (Brasil, 2022).

Ainda de acordo com o Ministério da Saúde (2022), o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) da doença, recomenda que a terapia com hidroxiureia seja iniciada com dose única de 15mg/kg/dia e escalonada em 5 mg/kg/dia a cada 4 semanas até a dose máxima - correspondente a 35 mg/kg/dia. A suspensão do tratamento com hidroxiureia é recomendado quando houver intoxicação ou efeitos adversos graves, dessa forma é importante salientar que é possível outras formas de tratamento profilático, como o uso de benzilpenicilina benzatina, fenoximetilpenicilina potássica ou azitromicina para infecções bacterianas.

Apesar da hidroxiureia trazer benefícios ao tratamento da AF na redução da frequência de episódios vaso oclusivos e crises algicas e possuir toxicidade baixa, o uso pode levar a uma mielotoxicidade e mielosupressão, efeito adverso grave que reduz os níveis de hemoglobina, plaquetas e neutrófilos. Entre os efeitos adversos está episódios de tonturas e convulsão, a diminuição na produção de células da medula óssea, nos casos mais graves afetam as células de reprodução levando à infertilidade, além do aparecimento de úlceras nos membros inferiores e enxaqueca (Paula *et al.*, 2022).

Porém, mesmo apresentando efeitos graves a hidroxiureia é a melhor indicação para o tratamento, pois seus benefícios superam os malefícios que pode ocorrer, além de ter uma dose máxima tolerada para evitar esses efeitos indesejados. Ainda há a necessidade do uso de anti-inflamatórios não esteroidais para controle da dor, e fortalecimento de pesquisas acerca de novas terapias, uma vez que o foco do tratamento é melhorar a qualidade de vida oferecendo conforto e alívio da dor. Pompeo *et al.* (2020), apresenta dados de mortalidade da DF em que os casos de episódio de dor foram associados a uma maior taxa de mortalidade cumulativa.

A dor é uma das causas incapacitantes da Anemia, se o tratamento não surtir efeito é recomendado a reavaliação do mesmo e escolha por uma terapêutica adequada. Machado *et al.* (2021), comprova em seus estudos que quanto maior a intensidade dor, há mais formas afetivas de expressão pelas crianças e adolescentes, e reforça que o tratamento para a dor deve ser prévio e efetivo, pois facilmente afeta aspectos cognitivos e emocionais, aumentando o nível de sofrimento e a chance de cronificação.

No entanto as crises álgicas não podem ser o único aspecto considerado no tratamento, pontua ainda o autor, visto que a comunicação é bastante afetada pela doença. As dores nocieptivas por sua vez, causadas por algum dano tecidual, causam mais prejuízos psicológicos, sociais e cognitivos para a qualidade de vida dos afetados do que as dores neuropáticas, que são ocasionadas por lesões no sistema nervoso (Machado *et al.*, 2021).

É importante destacar que as condições socioeconômicas da família e dos indivíduos com AF interferem na efetividade do tratamento, porque segundo Jesus *et al.* (2018), a aderência e o comparecimento às visitas de acompanhamento costumam ser afetados pela baixa renda familiar, principalmente pela distância entre o domicílio e os serviços especializados. Isso faz com que o alcance dos serviços seja limitado, o que impacta na captação de dados acerca da doença e garantia de cuidados a ser prestados efetivamente.

3.2 VIVENCIANDO A ADOLESCÊNCIA COM ANEMIA FALCIFORME: CONVÍVIO FAMILIAR E SOCIAL

A anemia falciforme é a forma mais grave da DF e as consequências mais comuns são as infecções e a Síndrome Torácica Aguda (STA), que compõem o quadro das causas de hospitalização e morbimortalidade pela doença, entre os fatores que aumentam a mortalidade também estão os parâmetros hepáticos. Além dos acometimentos mencionados, há comprometimentos em outros sistemas, como: cardiovascular, insuficiência cardíaca; pulmonar, hipertensão pulmonar; e oftalmológicos, retinopatia (Oliveira *et al.*, 2020).

Segundo Oliveira *et al.* (2020), essas alterações atreladas ao crescimento atrofiado e atraso da puberdade podem gerar sentimentos de incapacidade e baixa autoestima nos jovens acometidos pela AF, principalmente em idade escolar, pois o

convívio com outros jovens motiva as comparações e essas por sua vez tendem a culminar em frustração, isolamento e depressão. Contudo, faz-se necessário o apoio da família, dos profissionais de saúde e dos amigos próximos para fortalecer a identidade pessoal e aceitar seus processos.

A rede de apoio fornece atenção diferenciada no que diz respeito ao enfrentamento da doença, porque oferece ao adolescente uma gama de experiências que não se encontra no núcleo familiar, e a junção desses dois tipos de apoio corrobora para um bom enfrentamento da doença. Para Gesteira *et al.*, (2021) no cotidiano, o manejo da doença está centralizado no casal, o que caracteriza para esta família uma mutualidade parental, ou seja, a necessidade de maior atenção, cuidado e diálogo estreitam o relacionamento familiar em prol do mesmo objetivo, enfrentar a doença.

Gesteira *et al.*, (2021), ainda relatam em seu estudo que o diagnóstico da doença causa nas famílias espanto e susto por ser desconhecida, porém ao passo que a conhecem e visualizam a gravidade, tomam coragem e adotam um posicionamento de suporte ao familiar portador para melhor enfrentamento da situação. É importante ademais, o empoderamento familiar no tocante da doença a fim de favorecer o tratamento e lidar com as intercorrências advindas do processo, como agravo dos sintomas e dificuldades frente ao fornecimento de medição pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como percalços para realização de exames e procedimentos necessários.

Em contrapartida, Barberino *et al.*, (2019), abordam que “a pessoa com doença falciforme sofre estigmatização em razão da patologia ter condição crônica e de origem étnica” e, devido a isso, o jovem experimenta processos dolorosos e conflituosos voltados a compreensão da autoimagem e autoafirmação, por ser uma patologia de origem étnica e a sociedade não ser bem resolvida quanto a essa realidade.

Santos *et al.*, (2022), exprime que os jovens com o acometimento da doença nem sempre contam aos seus amigos sua condição, pois o escondimento da mesma os livra dos julgamentos e protege a integridade de suas identidades. Além disso, a doença interfere em sua alimentação, restringindo seus hábitos e diminuindo o prazer no comer, ademais ela afeta diretamente na sua condição física impedindo a realização de atividades que exijam esforço por causa da dor, levando a questionamentos sobre sua qualidade de vida e satisfação pessoal.

Já Pimentel (2020) por sua vez, traz a experiência dos adolescentes que convivem com a AF desde a infância, onde os mesmos referem ter sido um período de isolamento, o qual não saíam de casa a não ser para resolver questões da sua condição de saúde. Essa problemática pode ser uma grande causadora de adoecimento mental e conflitos interpessoais, pois a falta de amigos para dividir as brincadeiras dificulta a forma de se relacionar com as pessoas e ver o mundo. Ao passo que aumenta o uso de telas, e conseqüentemente diminui a capacidade de realizar tarefas que necessitam de atenção e memória.

Custódio, Gomes e Custódio, (2020) versa sobre o incomodo causado pela dor nos adolescentes com a doença que impede de realizar tarefas básicas, e o sentimento de incapacidade quando comparado aos demais. O comprometimento dos órgãos e sistemas do corpo impendem que os portadores da enfermidade tenham uma vida normal, com atividades exigentes e um lazer mais agitado por exemplo. Em virtude disso, há a necessidade de buscar novos espaços, tarefas e maneiras de se divertir como forma de enfrentamento das adversidades.

É importante destacar que a invisibilidade da real situação da AF, a falta de conhecimento por parte dos profissionais e da população e o descaso do poder público podem deixar uma lacuna nos registros e notificações da doença, podendo ainda existir milhares de crianças e adolescentes sem o diagnóstico correto e sem receber o tratamento devido para minimizar seus impactos na qualidade de vida. Santos, (2020) exprime que essa invisibilidade pode estar relacionada em alguns casos ao racismo enraizado na sociedade, e que dessa forma interfere na saúde da população, principalmente negra e indígena, que sofrem o racismo institucional partido dos sistemas de saúde, para ela todo o serviço carece ser reestruturado com mais igualdade e respeito.

Brito *et al.*, (2022), observa algumas mudanças no comportamento dos adolescentes com AF e dos seus familiares com o surgimento da pandemia da covid-19, quando diz: “mães de crianças/adolescentes com DF relataram que seus filhos apresentaram tristeza e ansiedade por serem impedidos de brincar e se encontrar com amigos/outras crianças”. O isolamento social resultou na confusão de emoções, acionando gatilhos que já haviam sido superados, como irritabilidade, estresse, tensão e tristeza ocasionados pela falta de liberdade.

Por outro lado, Brito *et al.*, (2022) ainda relata os sentimentos dos pais em detrimento da situação imposta pela pandemia, reforçando que para os cuidadores

também é difícil e que eles experimentam um misto de emoções, expressados na afirmativa: “surgiram sentimento de culpa, de raiva, incapacidade, de medo, era um medo exagerado, e ainda a superproteção das mães é decorrente dos sentimentos de medo, culpa e inutilidade”. É extremamente importante destacar que os pais precisam de cuidado tanto quanto seus filhos no enfrentamento da AF, pois eles lidam diariamente com os desafios exigidos pela doença.

Por conseguinte, compreender que os cuidadores precisam estar bem para dar suporte se faz necessário, já que um doente não pode cuidar de outro, por isso é significativo orientar acerca do autocuidado dos pais e adolescentes para garantir uma boa resolutividade dos problemas. Gesteira *et al.*, (2021), mostram que a espiritualidade é uma vivência buscada pelas famílias para fortalecimento da resiliência, quando diz “o suporte espiritual e a fé deram força para ultrapassar os obstáculos e conforto por meio da manutenção da esperança.”

Desse modo, entende-se que o apoio familiar e profissional juntamente com a convivência em comunidade favorece o autocuidado por parte do adolescente que possui AF. Paiva *et al.*, (2022), aponta que educar o adolescente com anemia falciforme em relação a sua doença, identificar a forma como ele se sente e convive com o problema, é de fundamental importância para que a expectativa de vida desta população aumente, essa afirmativa fortalece a ideia de que o bem estar coletivo tem grande influência sobre o bem estar pessoal.

3.3 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PARA O ADOLESCENTE COM ANEMIA FALCIFORME

O enfermeiro como gerente do cuidado tem função importante na atenção ao paciente com AF, principalmente no que tange a Atenção Básica (AB), atuando de maneira coordenada junto a equipe multiprofissional. A enfermagem é a profissão de maior trato com o paciente, ela o acompanha desde a prevenção/promoção da saúde até a reabilitação na comunidade em que vive, por isso se configura primordial frente a AF (Paixão, 2018).

O profissional de enfermagem é responsável pela realização do exame de rastreamento da doença, o teste do pezinho, e está presente em todo o acompanhamento e evolução da mesma. Seu papel na AB é indispensável, pois o enfermeiro é capacitado para acompanhar a população assistida desde a concepção

até a velhice, atendendo as necessidades de cada fase. Por isso, entende-se que é necessário a capacitação e qualificação rotineira desses profissionais para atuar face a essa problemática com responsabilidade e eficiência (Siqueira *et al.*, 2021).

O acolhimento do adolescente e sua família é fundamental para o avanço do tratamento, uma vez que abre portas que o estigma social da doença fechou, possibilitando a aproximação do profissional e estabelecendo confiança entre ambas as partes. Barbosa *et al.*, (2022), ressalta que é indispensável por parte do enfermeiro a compreensão da vulnerabilidade de cada paciente, bem como a abordagem individualizada com foco nas necessidades reais e potenciais do indivíduo.

O enfermeiro atuante nos casos de AF possui diferentes papéis, de acordo com cada fase do processo, como já explanado, ele intervém no primeiro contato do paciente e família com a doença, pois na maioria dos casos a DF é descoberta no resultado obtido do TP, logo nos primeiros dias de vida, porém, atualmente há disponível o exame de eletroforese de hemoglobina para gestantes. Com isso, o acompanhamento especializado no início da doença torna a expectativa de vida maior e diminui os episódios de crises falcêmicas, ofertando uma melhor qualidade de vida ao paciente e núcleo familiar (Brasil, 2018).

A presença do profissional de enfermagem durante todo tratamento se configura uma relevante ação de cuidado, visto que pode haver resistência na adesão do adolescente à terapêutica, então a orientação do profissional se faz necessária para fomentar a tomada de decisão e autonomia do assistido. Ademais, a utilização das medicações pode resultar em efeitos adversos severos e o enfermeiro deve estar atento aos sinais, sendo notório repensar o uso e avaliar outra possibilidade mais segura e eficaz junto a equipe. Durante todo processo saúde/doença a enfermagem carece estar perto, para auxiliar e intervir conforme protocolos e urgência da situação (Jesus, *et al.*, 2020).

Sabendo que a AF pode apresentar complicações, a intervenção do profissional enfermeiro é demasiada importante diante desses processos, pois auxilia na redução das crises, na efetividade do tratamento e nas condutas de emergência, essas condutas por sua vez, estão voltadas para as situações de dor, infecção, sequestro esplênico agudo (SEA) e acidente vascular cerebral (AVC). Teixeira *et al.*, (2022), esclarece a importância da existência de protocolos para classificação de risco nos casos de emergência, com fatores como dor intensa, dispneia, hemiparesia e deficiência neurológica.

Nas emergências álgicas o profissional deve avaliar a intensidade da dor, localização e frequência, e assim realizar hidratação venosa, analgésicos prescritos e caso não haja melhora do quadro a conduta é associar a codeína com anti-inflamatórios não esteroidais ou morfina e analgésicos comuns, além de entrar com massagens e apoio psicológico. Nos casos de infecção grave, internar e realizar tratamento de suporte juntamente com antibioticoterapia. Quando houver diagnóstico SEA com queda de Hb fazer correção da volemia com cristalóide ou transfusão imediata de concentrado de hemácias CHM (Teixeira *et al.*, 2022).

Já nos casos de AVC tem que ser realizada avaliação neurológica e exames para eliminar outros diagnósticos, AVC isquêmico com redução de Hb fazer exsanguíneotransfusão parcial e no hemorrágico avaliar causa e tratar. Mesmo que os atendimentos sejam realizados na atenção especializada, há carência de descentralização da atenção para que o paciente seja atendido com equidade. E assim, os profissionais precisam estar preparados para atender a quem possua essas alterações nas hemácias, para que ele não dependa apenas de um profissional específico (Barbosa *et al.*, 2022).

Para isso, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), precisa ser implementada com maestria, desde a coleta dos dados até a intervenção das ações, para garantir um bom resultado e prognóstico, principalmente ao adolescente com AF que carrega muitos anseios sobre ao futuro. Paixão, (2018), afirma que a SAE, ajuda o enfermeiro a tomar decisões, prever e avaliar consequências. Vislumbra o aperfeiçoamento da capacidade de solucionar problemas, tomar decisões e maximizar oportunidades e recursos formando hábitos de pensamento”. Reforçando a importância da sua implementação.

Quanto as estratégias de promoção e prevenção da saúde Paixão (2018), traz que os cuidados iniciais acontecem entre os primeiros anos de vida, com atividades planejadas, acolhimento individual, em grupo e atividades efetivas com as famílias do adolescente doente. O enfermeiro é protagonista no cuidado, pois está à frente planejando, delegando tarefas e realizando ações junto a equipe. Ele precisa estar capacitado e capacitar sua equipe para lidar com as intercorrências da doença, assim como as expectativas provenientes da família, para auxiliar durante todo curso da enfermidade (Figueiredo, *et al.*, 2018).

No que diz respeito as orientações, deve ser esclarecido sobre a doença, suas perspectivas e adversidades, como também mostrar a importância de oferecer apoio,

escuta e acolhimento das emoções vivenciadas pelo portador de AF, além de fazer recomendações acerca da alimentação e hidratação adequada. A realização de educação em saúde para a comunidade é significativa por colaborar com a inclusão desse jovem na sociedade, educando a população a fim de prepará-los para receber esses jovens com AF (Gesteira, *et al.*, 2020).

Vale ressaltar que diante do exposto torna-se imprescindível a realização de acompanhamento familiar pelo profissional de psicologia para acolher de forma pessoal e coletiva os membros com escuta ativa e desenvolvimento de estratégias, as quais fortaleçam o convívio e potencialize as ações de enfrentamento, e cabe ao enfermeiro direcionar essas famílias ao profissional da área. Por isso, deve existir entre a equipe multiprofissional um olhar holístico e humanizado, que vai além do problema/doença e alcança as camadas mais profundas e necessárias para obtenção dos resultados esperados (Barbosa, *et al.*, 2022).

Contudo é importante versar sobre a capacitação profissional dos enfermeiros e da equipe de enfermagem para atendimento aos portadores de AF, com material atualizado, aperfeiçoamento de programas de educação continuada em saúde e realização de eventos para fortalecer o conhecimento e qualificar as ações. Assim, todos os componentes da equipe multiprofissional também devem estar atualizados e capacitados quanto a doença, seu tratamento e cuidados para melhorar a qualidade de vida dos pacientes (Figueiredo, *et al.*, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a Anemia Falciforme uma forma grave da DF, ela pode apresentar agravos a saúde do adolescente portador, contudo, há estratégias de enfrentamento da doença, principalmente no fortalecimento da sua qualidade de vida e de seus familiares. Essas estratégias estão no cotidiano, na forma de se relacionar em família, apoiando e transmitindo sentimentos positivos a respeito do prognóstico, também nos vínculos afetivos externos, grupo de amigos, namoros e essencialmente na construção de políticas públicas e incentivo governamental voltados para o tratamento da doença.

A rede de apoio também é imprescindível para ajudar no combate a estigmatização da doença imposta pela sociedade, e o racismo estrutural existente nas redes de atenção à saúde. Os profissionais, por sua vez, precisam estar atentos

aos desconfortos do paciente e ser resolutivo, atuando de forma humana e holística diante da situação, ofertando meios e materiais para garantir um tratamento efetivo e tranquilo, sem constrangimentos ao adolescente e familiares.

Desenvolver habilidades, é uma qualidade do profissional de enfermagem, que precisa estar a par de todos os problemas e saber como resolvê-los, seja na escuta ativa, na realização de procedimentos e exame físico, bem como no acolhimento que é a porta de entrada do sistema de saúde. Seu papel em cada etapa do acompanhamento da doença é fundamental, pois ele atua desde a descoberta até o tratamento, quando qualificado e treinado, desempenha técnicas hábeis para lidar com o cenário da AF.

Desse modo, ainda se faz necessário fomentar sobre a relevância do enfermeiro no cuidado ao paciente de AF, pois, é sabido que a doença se apresenta de formas diferentes de pessoa para pessoa e suas restrições raramente mudam, então, é responsabilidade do enfermeiro orientar sobre a disposição de conforto e cuidados domiciliares que reforcem a qualidade de vida e bem estar dos adolescentes e familiares.

Assim, é possível perceber que os objetivos apresentados no presente trabalho foram elucidados no decorrer do mesmo, através de informações verídicas e embasadas em estudos de renomados escritores da área da saúde.

REFERÊNCIAS

Barberino, Isnaile Alves; Coelho, Tércia Oliveira; Duque, Caroline Borges; Silva, Emanuela Cardoso da; Rocha, Roseanne Montargil. Autoimagem e estigma social na doença falciforme: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.11, n.8, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/530>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Barbosa, Katiuscia Nascimento Borges; Silva, Raylton Aparecido Nascimento; Ferreira, Ruhena Kelber Abrão; Lima, Thiago Oliveira Sabino. A atuação de enfermagem junto ao paciente portador de anemia falciforme. **JNT- Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258, 2022. Disponível em: <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/1510>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Braga, Josefina Aparecida Pellegrini. **Doença Falciforme**. Escola Paulista de Enfermagem, julho de 2020. Disponível em: <https://sp.unifesp.br/epe/ultimasnoticias/doenca-falciforme>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Governo Federal reforça necessidade do diagnóstico precoce da doença falciforme. Jun. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/tbr/assuntos/noticias/2022/junho/governofederalreforcaneecessidadedodiagnosticoprecocedadoencafalciforme#:~:text=No%20Brasil%2C%20entre%202014%20e,com%20Doen%C3%A7a%20Falciforme%20no%20Pa%C3%Ads>>. Acesso em: 29 mai. 2023.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Monitoramento do horizonte tecnológico 2: medicamentos para o tratamento de doença falciforme. Setembro, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/radar2022/20221011_mht_doencafalciforme.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Portaria conjunta nº 05, de 19 de fevereiro de 2018. Secretaria de atenção à saúde secretaria de ciência, tecnologia e insumos estratégicos. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/ptbr/midias/protocolos/pcdt_doencafalciforme_2018-1.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Síntese de evidências para políticas de saúde: prevenindo as complicações da doença falciforme. Brasília, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343207310_Sintese_de_evidencias_para_politicas_de_saude_prevenindo_as_complicacoes_da_doenca_falciforme. Acesso em: 28 mai. 2023.

Brito, Luana Santana; Morais, Aisiane Cedraz; Suto, Cleuma Sueli Santos; Silva, Josielson Costa da; Jenerette, Coretta Melissa; Carvalho, Evanilda Souza de Santana. Sentimentos vivenciados por mães e crianças/adolescentes com doença falciforme no contexto da pandemia da COVID-19. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 31, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/WsjJhsvZd9FwRhym9Q37kdS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Costa, Patrícia Danielle Souza. **Metodologias de pesquisa utilizadas nos programas de pós-graduação em ciência da informação do ibict e unesp nos anos de 2014 a 2016**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/552/1/TCC_MetodologiasPesquisaUtilizadas.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

Custódio, Livia Lopes; Gomes, Ilvana Lima Verde; Custódio, Jefferson Lopes. **O direito a educação**: estudo de caso de um adolescente com doença falciforme. VI CONEDU - Vol 1... Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 2463-2480. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65488>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Figueiredo, Sarah Vieira; Lima, Letícia Alexandre; Silva, Débora Pena Batista e; Oliveira, Raquel de Maria Carvalho; Santos, Macedônia Pinto dos; Gomes, Ilvana Lima Verde. Importância das orientações em saúde para familiares de crianças com doença falciforme. **Rev. Bras. Enferm.** v.71, n.6, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/S9VHMFTT4kWzPsYvv5H5hRQ/?lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2023.

Gesteira, Elaine Cristina Rodrigues; Oliveira, Patrícia Peres de; Souza, Meriele Sabrina de; SANTOS, Letícia Camilo; Andrade, Thayane Ingrid Xavier de; Santos,

Walquíria Jesusmara dos. Famílias de adolescentes com doença falciforme: avaliação e intervenções. **Rev Recien**. v.11, n. 35. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/433>. Acesso em: 03 jun. 2023.

Gesteira, Elaine Cristina Rodrigues; Silva, Flávia dos Santos; Souza, Rhillary Lorrayne de; Paula, Nayara Cristine Protte de; Santos, Walquíria Jesusmara dos; Silveira, Edilene Aparecida Araujo da. Intervenções educativas às famílias de crianças e adolescentes portadores de doença falciforme no projeto Educar Falciforme. **Rev. Ciênc. Ext.** v.16, p.344-358, 2020. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1670-4605.2020v16p344-358. Acesso em: 05 jun. 2023.

Jesus, Amanda Cristina da Silva de; Konstantyner, Tulio; Lôbo, Ianna Karolina Vêras; Braga, Josefina Aparecida Pellegrini. Características socioeconômicas e nutricionais de crianças e adolescentes com anemia falciforme: uma revisão sistemática. **Rev Paul Pediatr**. v. 36, n.4, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-977085>. Acesso em: 07 jul. 2023.

Jesus, Mayra Nunes de; Lacerda, Teresa Alves; Rodrigues, Daniel de Matos; Silva, Martha Honorato da; TIMO, Maria Paula Thérésé Jardim. Assistência de enfermagem ao portador da anemia falciforme. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v1. 2020. Disponível em: https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2020/407_assistencia_de_enfermagem_ao_portador_da_anemia_falciforme.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

Machado, Angélica; Lourenço, Gabriela; Hammes, Thais; Parisi, Mariana. **Anemia Falciforme: Aspectos Clínicos e Epidemiológicos**. Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais2018/XIII%20SEMINARIO%20INTERINSTITUCIONAL/Ciencias%20Biologicas%20e%20da%20Saude/Mostra%20de%20Iniciacao%20Cientifica%20%20TRABALHO%20COMPLETO/ANEMIA%20FALCIFORME%20ASPECTOS%20CL%3%8DNICOS%20E%20EPIDEMIOLOG%3%93GICOS.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Machado, Rosicleide Araújo Freitas; Lima, Andréia Gonçalves Batista; Almeida, Hana Silva; Carvalho, Alana Sousa Santos de; Sá, Katia Nunes. Dor em crianças e adolescentes com doença falciforme: estudo observacional. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**. Salvador, 2021. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/3771>. Acesso em: 29 mai. 2023.

Marques, Taciana; Vidal, Suely Arruda; Braz, Adriana Farrant; Teixeira, Maria de Lourdes Holanda. Perfil clínico e assistencial de crianças e adolescentes com doença falciforme no Nordeste Brasileiro. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. Recife, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/bgrK8nTt43PHTLwP885Yvzf/?lang=pt>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Nascimento, Clara Beatriz Gomes; Leite, Alexsandra Laurindo; Moreira, Jéssica Alves; Cavalcante, Dandara Dias; Santos, Carla Cleiciane Brasilino. Anemia falciforme e o risco de aterosclerose: o papel do tratamento. **Research, Society and**

Development, v. 10, n. 16, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/24164/21074/286262>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Oliveira, Daphne Batista de; **Lima**, Julia Oliveira de; **Fioco**, Evandro Marianetti; **Verri**, Edson Donizetti; **Fabrin**, Saulo Cesar Vallin. **A importância do diagnóstico precoce e os tratamentos apresentados na anemia falciforme: revisão sistemática. Revista Brasileira de Análises Clínicas. São Paulo, 2021.**
Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/a-importancia-do-diagnostico-precoce-e-os-tratamentosapresentados-na-anemia-falciforme-revisao-sistematica/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Oliveira, Mariana Makalu Santos de; Moura, Maria Alice Menezes; Nascimento, Maria Eduarda Butarelli ; Gois, Marília Souza Alves; Silva, Paula Janólio Cardoso; Oliveira, Halley Ferraro. Consequências da anemia falciforme em adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/14865>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Paiva, Gabriella Silvestre; Moraes, Rita de Cássia Melão de; Martins, Gisele; Nascimento, Luciana de Cássia Nunes. O conhecimento de crianças e adolescentes com anemia falciforme sobre seu autocuidado. **Research, Society and Development**. v. 11, n. 7, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/29934/25859/342634>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Paixão, Roseane Conceição da. **Anemia falciforme: assistência de enfermagem a crianças e adolescentes.** Trabalho de Conclusão de Curso. São Francisco do Conde, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/andle/123456789/1506>. Acesso em: 03 jun. 2023.

Paula, Claudia Costa da Silva; Silva, Carlos Alberto; Trindade, Zeina Calek Graize; Lima, Marlucy Rodrigues; Peçanha, Michel; Menezes, Claudine de; Brandão, Marileny Boechat Frauches; Silva, Leonardo Oliveira Leão e; Rodrigues, Suely Maria; Marçal, Pedro Henrique Ferreira. Toxicidade da hidroxiueria no tratamento da anemia falciforme. **Research, Society and Development**, v.11, n.4, 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/26264/24145/322372>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

Pimentel, Bruna Tavares. **Desafios de crianças e adolescentes com doença falciforme no brincar.** Reunião Brasileira de Antropologia, 2022. Disponível em: <[https://www.33rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSZVZVZPljtzOjQ6IjIzMzYiO30iO3M6MToiaCl7czozMjoiMWJiYjI4M2ZjYjA5MTQ4MTRiMjNkODkyOTcxNzY4NjkiO30%3D](https://www.33rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSZVZPljtzOjQ6IjIzMzYiO30iO3M6MToiaCl7czozMjoiMWJiYjI4M2ZjYjA5MTQ4MTRiMjNkODkyOTcxNzY4NjkiO30%3D)>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Pompeo, Carolina Mariano; Cardoso, Andreia Insabralde de Queiroz; Souza, Mercy da Costa; Ferraz, Mayara Bontempo; Ferreira Júnior, Marcos Antonio; Ivo, Maria Lúcia. Fatores de risco para mortalidade em pacientes com doença falciforme: uma revisão integrativa. **Esc. Ana Nery**, v. 24, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1090265>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Fluxo assistencial da linha de cuidado da doença falciforme**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estruturadegoverno/saude/2021/fluxo_assistencial_linha_cuidado_doenca_falciforme.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Santos, Luciano Marques dos; Peixinho Neta, Terezinha da Silva; Brito, Luana Santana; Passos, Sílvia da Silva Santos; Jenerette, Coretta Melissa; Carvalho, Evanilda Souza de Santana. Ser adolescente apesar das restrições e da discriminação impostas pela doença falciforme. **Acta Paul Enferm.** v.35, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/jCDMTHnJXbCDpknsdSTJmYF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Santos, Nádja Silva dos. **Experiências falciformes de existência de mulheres de João Pessoa, Paraíba**. Monografia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17434?locale=pt_BR>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, Katharine Pereira da; BARBOSA, Ane Beatriz Teixeira; LIMA, Joycilaine Beatriz Barros de; OLIVEIRA, Leila Maria Santos de; ANDRADE, Waneska Nogueira; MARIA, Renata de Almeida Rocha. **Aspectos fisiopatológicos da anemia falciforme e suas principais complicações**. SEMPESq - Semana De Pesquisa Da Unit - Alagoas, n. 8, 2020. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/alsempesq/article/view/13702>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Siqueira, Nágela Bezerra; Soares, Mônica Kallyne Portela. Desempenho dos enfermeiros na atenção primária perante o paciente com anemia falciforme: uma revisão integrativa. **Revista Saúde**, v.47, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/63170>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Teixeira, Juliane Batista Costa; Moraes, Aisiane Cedraz; Santos, Viviane Euzébia Pereira; Santos, Deisy Vital dos; Carvalho, Evanilda Souza de Santana; Miranda, Juliana de Oliveira Freitas; Brito, Luana Santana; Martins, Lucas Amaral. Protocolo de enfermagem à criança com doença falciforme na emergência: uma abordagem convergente-assistencial. **Rev Bras Enferm.** v. 75, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/r7ZFG4RLTYv3yP88KhjPKnM/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

Tesser, Taís Rodrigues; Toma, Tereza Setsuko; Batista, Luís Eduardo. O Cuidado de Adolescentes com doença falciforme: possibilidades e desafios. **BIS, Bol. Inst. Saúde**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1022204>. Acesso em 28 mai. 2023.